



Laura Karpuska *karpuska.estadao@gmail.com*

Os homens

Na semana da mulher, escrevo uma coluna dedicada aos homens.

Ainda são homens os principais tomadores de decisão da sociedade. É natural que eles sejam seu próprio benchmark. Sem perceber, avulamos os outros buscando neles aquilo que eles valorizam em si mesmos, e acolhendo os erros daqueles que são semelhantes – uma questão de afinidade.

É provável que homens e mulheres não sejam fundamentalmente iguais. Ao menos, não deveriam ser. Seremos diferentes não é um problema. Nenhuma pessoa deveria ser igual a alguém para ser socialmente va-

lhorizada, na verdade. A diversidade de pensamento, de cultura, de experiência de vida é rica para uma sociedade. Em um ambiente de desvalorização das mulheres, todos perdemos. As mulheres perdem mais, pois têm suas liberdades reduzidas.

Uma indicação clara das desigualdades de gênero é o gap salarial entre homens e mulheres. A maternidade é sempre apontada como principal fator que explica este gap. Outro fator, um pouco mais difícil de identificar e explicar, diz respeito às escolhas de carreiras. Mulheres optam por empregos mais flexíveis e profissões socialmente

menos remuneradas.

A flexibilidade é necessária quando as tarefas de cuidado do lar não são bem divididas. No Brasil, estima-se que mulhe-

Em um ambiente de desvalorização das mulheres em sociedade, todos perdemos

res trabalham o dobro de horas no domicílio do que homens nas tarefas da casa. Às vezes, mesmo quando este fardo é bem dividido em horas, a mulher fica com o custo mental de

administrar o domicílio.

Profissões têm remuneração socialmente tão diferente porque são valoradas de forma diferente pela sociedade. Preços na economia são derivados de nossas preferências, cultura, normas sociais. As profissões tipicamente femininas, que são aquelas do cuidado, são menos remuneradas porque a sociedade não valoriza esse trabalho.

Podemos discutir diversas políticas públicas que podem mitigar o problema do gap salarial. Cotas, licença paternidade, estímulos para que existam mais mulheres em cargo de gerência e por aí vai. Mas o gap salarial, as horas de trabalho

não remunerado no lar, as violências contra as mulheres, as regras limitadoras das nossas liberdades, ou seja, tudo que nos limita é consequência. O problema anterior é que as decisões coletivas são majoritariamente masculinas.

Deem flores ou não deem flores. Isto pouco importa. O importante mesmo é reconhecer privilégios, e estar atento ao fato de que perdê-los é parte de um processo inevitável na busca por um mundo onde mulheres não serão desumanizadas. ●

PROFESSORA DO INSPER, PH.D. EM ECONOMIA PELA UNIVERSIDADE DE NOVA YORK EM STONY BROOK

SEB, Luiz Carlos Trabuco Cappi e Henrique Meirelles (revezam quinzenalmente) • TER, Pedro Fernando Nery e Demi Getschko (quinzenalmente) • QUA, Fábio Alves • QUI, Adriana Fernandes • SEX, Elena Landau e Laura Karpuska (revezam quinzenalmente) e Pedro Dorzi • SAB, Adriana Fernandes • DOM, José Roberto Mendonça de Barros (quinzenalmente) e Afonso Celso Pastore (quinzenalmente), Paulo Leme (1º domingo do mês), Roberto Rodrigues (2º domingo do mês), Albert Fishlow (3º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

Política monetária Debate sobre os juros

Risco de crise de crédito faz mercado prever antecipação de corte da Selic

Revisão em projeções leva em conta piora de condições financeiras; parte dos economistas, porém, vê como baixa a chance de mudança

CÍCERO COTRIM
SÃO PAULO
THIÁIS BARCELLOS
BRASÍLIA

A expectativa de queda da taxa básica de juros (Selic) mais cedo do que o esperado já figura nos cenários de alguns economistas ouvidos pelo *Estadão/Broadcast*. Essa possibilidade decorre do risco de piora do mercado de crédito com a crise da Americanas, em meio à desaceleração já contratada para a atividade econômica.

Segundo analistas, a ameaça ao crédito poderia ser o acesso “técnico” do BC, e não político, ao governo de que o corte de juros não está tão distante. A possibilidade não é majoritária pela incerteza em torno da âncora fiscal, ainda mais em meio à chance de mudança das

metas de inflação e à desancoragem das expectativas.

Nos últimos dias, o Banco Alfa e o Banco Fibra anteciparam as expectativas de início do ciclo de cortes, citando o risco de piora do mercado de crédito. Saindo de um cenário de juros estáveis em 13,75% até dezembro, o Fibra diminuiu a sua projeção de Selic no fim de 2023 para 12,5%, incorporando à estimativa cinco cortes de 0,25 ponto percentual a partir de junho.

O economista-chefe do banco, Cristiano Oliveira, afirma que a mudança da projeção leva em conta o aperto das condições financeiras do País, que pode ser amplificado por problemas de crédito em “algumas empresas varejistas”. Isso significa um impulso negativo do crédito em um momento no qual a atividade já desacelerou naturalmente, devido ao aperto monetário conduzido pelo BC.

“(O contexto) justifica maior atenção do BC para a intensidade da desaceleração da atividade econômica que está sendo contratada neste momento e, certamente, irá desacelerar ainda mais a demanda e a inflação

de preços livres”, afirma Oliveira, em relatório assinado também pela economista do Fibra Ágila Cunha. O cenário básico do banco indica desaceleração do crescimento do PIB a 1,0% neste ano, de 2,9% em 2022.

“Parece que o caminho do impacto da política monetária sobre o mercado de crédito está bem encaminhado, seja pelo canal tradicional, seja por uma ‘ajudinha extra’ do caso Americanas”
Luís Otávio de Souza Leal
Economista-chefe do Banco Alfa, que antecipou a projeção de início do ciclo de cortes de setembro para junho

Oliveira alerta, no entanto, que o mais provável é que a nova proposta de arcabouço fiscal seja menos dura do que o teto de gastos. Nesse caso, a tendência é de que o mercado precifique incerteza no cená-

rio, de forma a manter a curva de juros futuros sob pressão. Ao mesmo tempo, a desancoragem das expectativas impedirá a convergência da inflação a 3% no médio prazo.

“O mercado de juros deve continuar sendo o principal termômetro de risco macroeconômico, e o spread (a diferença em relação ao valor original) entre os vértices curtos e longos deve continuar elevado, limitando o efeito da queda da taxa básica de juros”, diz.

Já o economista-chefe do Banco Alfa, Luís Otávio de Souza Leal, antecipou a projeção de início do ciclo de cortes de setembro para junho, devido à piora dos dados de crédito. Para o analista, esse quadro (combinado à reoneração de combustíveis e à apresentação de um arcabouço fiscal crível) pode levar o BC a sinalizar que a redução dos juros está próxima já na próxima reunião do Copom, no dia 22.

“Parece que o caminho do impacto da política monetária sobre o mercado de crédito está bem encaminhado, seja pelo canal tradicional, seja por uma

‘ajudinha extra’ do caso Americanas”, diz Leal, no relatório semanal de macroeconomia do Alfa. O economista lembra que já se observa um aumento da inadimplência e do spread no crédito para pessoas físicas, e que a tendência é de piora também para as empresas.

Mesmo antecipando um início mais rápido do ciclo de cortes, o economista nota que o ritmo da diminuição deve ser menor, de 0,25 ponto percentual por reunião, ante o 0,5 ponto esperado anteriormente. Leal aumentou a projeção de Selic no fim de 2023 de 12,25% para 12,5%, mas nota que o novo cenário ainda implica juros médios menores no ano, de 13,0%, ante 13,50% na estimativa anterior.

MACROPRUDENCIAL. Outros analistas ouvidos pelo *Estadão/Broadcast* consideram baixa a chance de antecipação dos cortes da Selic. “O evento Americanas potencializa marginalmente a desaceleração do ritmo de expansão de crédito, mas a gente não está vendo um evento de crédito que crie um problema sistêmico. Você não pode achar que, se não cortar os juros, a economia vai implodir”, diz o economista da Blue-Line Asset Flávio Serrano. “Parece que o caminho do sentido adotar políticas macroprudenciais, que ataquem o problema microeconômico na margem.” ●

Âncora fiscal ‘vai agradecer até ao mercado’, diz Tebet

A ministra do Planejamento, Simone Tebet, disse ontem que a nova âncora fiscal, que substituirá o atual teto de gastos, vai agradecer a todos, inclusive ao mercado. Tebet participou de uma reunião com o mi-

nistro da Fazenda, Fernando Haddad, na qual foi apresentado o novo mecanismo fiscal.

A ministra afirmou que a moldura, as regras e os números sobre o novo arcabouço serão anunciados por Haddad,

após serem apresentados ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ela garantiu, no entanto, que o mecanismo atende tanto a preocupação em zerar o déficit fiscal e estabilizar a relação dívida/PIB quanto garantir

os investimentos necessários.

“É um arcabouço fiscal responsável, preocupado com a

responsabilidade fiscal, com o déficit primário, com a estabilização da dívida/PIB, mas atendendo a um pedido justo do presidente da República, porque assim quer a democracia brasileira, de que temos de ter

recursos para os investimentos necessários para fazer o Brasil voltar a crescer”, disse.

A ministra evitou entrar em detalhes sobre a perspectiva de prazo para zerar o déficit fiscal no País. A ministra disse ainda acreditar que a nova âncora seja anunciada neste mês.

● GIORANA NEVES/BRASÍLIA